

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ERIKA MINAS RIBEIRO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Niterói

2016

ERIKA MINAS RIBEIRO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado na disciplina História do Ensino de História do ProfHistória - Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino de História, como um requisito para conclusão do curso.

Niterói

2016

Erika Minas Ribeiro participou do PROFHISTÓRIA (Entrega do memorial – 03/2018)

Memorial de Formação

Escrever um memorial é sempre uma tarefa desafiadora, perpassar por vários momentos de escalas, tropeços e quedas, em certa medida reviver nos traz uma enxurrada de sensações.

Por se tratar da minha caminhada profissional e meu despertar para docência selecionei alguns fragmentos de história vida que considero relevantes tanto na minha formação profissional quanto na formação pessoal, uma vez que não há possibilidades de distinções.

Início meu memorial com a chegada de meus pais, Maria e José, no Estado do Rio de Janeiro. O êxodo rural dos anos de 1960 trouxe meus avós paternos de Sergipe para a capital carioca, e com eles meu pai, que contava com 6 anos de idade. Em 1962, vieram residir na casa de parentes localizada no Morro do Santo Amaro, no Catete; todos atraídos por melhores condições de vida.

Minha avó, negra e analfabeta, mulher triste e de poucas palavras; afirmava ser descendente de escravos por linha de parentesco materno, casou-se cedo com meu avô, homem branco, 20 anos mais velho do que ela. Meu avô era marceneiro, mas pouco trabalhou, dizia-se doente do coração. Mas nenhum dos filhos sabe explicar ao certo a doença que realmente o impedia de trabalhar. Isso levou os filhos a começarem a trabalhar muito cedo, enquanto minha avó trabalhava como empregada doméstica. Meu pai e meus tios trabalhavam na feira do Catete, carregavam as compras das “madames” em carrinhos de madeira que eles mesmos confeccionavam a partir de materiais reciclados; no final da feira recolhiam na xepa muitos alimentos doados pelos feirantes. Nesse contexto, a escola não surgia como necessidade. Dos sete filhos de minha avó, apenas um completou o Ensino Médio através da EJA, os demais, nem o Fundamental.

Depois da feira, muitos serviços e empregos sucederam na vida de meu pai, que começou a trabalhar aos 7 anos de idade, hoje aposentado, com 60 anos, mas ainda trabalhando.

Minha mãe, paraense, veio para o Rio de Janeiro no ano de 1977, tinha o objetivo de auxiliar a irmã gestante que passava por problemas de saúde. Residiu em um apartamento no Catete, próximo ao Morro do Santo Amaro. No mesmo ano, conheceu meu pai, e se casaram no ano seguinte.

O primeiro filho do casal veio em 1979, minha irmã Tatiana, e em 1984, eu.

Por problemas familiares de disputa do barraco que morávamos, meu pai acabou decidindo se mudar do Catete. A oportunidade surge, a laje de uma tia que residia na favela de Inhaúma.

Na favela moramos por pouco tempo, uns 2 anos. A criminalidade intensificou, e o fato de ter de criar duas filhas naquele ambiente assombrava os pensamentos de meu pai. E mais uma vez, nos mudamos, meu pai vendeu a casa que construía, parte do dinheiro enviou para minha avó, o restante guardou em casa.

A casa nova era alugada, localizada no bairro de Bento Ribeiro, Zona Norte da capital carioca. E lá viveríamos até 2003, mas não na mesma casa. Meu pai mudou-se da favela para se distanciar da criminalidade, no entanto, essa casa na qual fomos morar foi arrombada duas vezes, nos roubaram tudo, móveis, eletrônicos, e também, o dinheiro que meu pai deixara guardado.

Voltando a minha própria trajetória, em 1989, teria contato com as primeiras letras na “Escolinha da Tia Ezieler”, tratava-se de uma explicadora, e não verdadeiramente de uma “escolinha”. Na mesma sala ela ensinava crianças de diversas idades e diferentes séries escolares, ficávamos todos sentados em um longo banco de madeira frente a uma mesa ainda mais comprida. Lembro-me do quanto os alunos mais velhos temiam as punições da “Tia”, em especial o quarto escuro e o ajoelhar no milho. Mas, as punições foram se tornando cada vez mais amenas, graças ao fato da filha da “Tia” ter iniciado estudos na Pedagogia.

No ano seguinte, ingressei na Escola Municipal Conde Afonso Celso, no mesmo bairro onde morava. Escola na qual cursei todo o Ensino Fundamental. Recordo-me ainda de todo o encantamento de meu primeiro dia de aula, a começar pelo uniforme: saia de pregas, blusa de tergal e sapatilhas, similar ao uniforme das “normalistas”. Sentia-me muito importante, pois agora iria para uma escola de verdade.

Nessa Escola, cresci e construí parte dos meus sonhos, lá fiz muitos amigos com os quais me relaciono até os dias de hoje. Como eu amava aquela escola! Lembro-me de minha mãe reclamar, pois mesmo em dia do meu aniversário não aceitava faltar aulas. Eu realmente me sentia feliz por estar lá, e mesmo sem saber o porquê achava que permanecer na escola era o que eu tinha de mais importante a fazer. Comento sobre essa afetividade para explicar minha precoce escolha, gostava tanto de escola que decidi não sair mais dela, assim, aos 11 anos decidi que seria professora.

Quanto aos estudos, destaquei-me em todos os anos. Entrei na escola lendo, então, desde o início os professores se interessavam em me ajudar. Ainda no primário, eu recebia da Tia Cândida livros e revistas infantis para ler em casa. Sem mencionar os livros didáticos que todo final do ano recebia dela. Em geral, livros com conteúdos de português da série seguinte, meus estudos durante as férias.

Encontrei-me com a História propriamente, em 1995, na 5ª série (6ºano) do 1º grau (Ensino Fundamental). Professora Cristine falava das várias e diferentes fontes históricas, coisas que entendi pouco na época, no entanto, em sua explanação, Cristine mencionou algo sobre os legados das grandes civilizações, ali surgiu minha curiosidade pela História.

Os livros didáticos ainda não eram distribuídos pela Prefeitura, com isso, sem condições para comprar todos, cada tio ajudou comprando um livro. Como sempre gostei

muito de ler, assim que recebia o livro de Português lia todos os textos e contos que o livro possuía, mas a partir dali, o livro da capa vermelha, meu primeiro livro de História, passou a concorrer ao livro de Português.

Na 6ª série conheci a Wilma, professora de História de suma importância em várias escolhas que fiz posteriormente. Também professora no Colégio Militar era rígida, os alunos a respeitavam mais que a qualquer outro professor da escola. Os pais reclamavam dos inúmeros trabalhos exigidos. Fazíamos mapas históricos, mural da História (cartazes com fatos que selecionávamos semanalmente entre as reportagens de jornais), peças de teatro sobre os patronos na escola e do bairro, entre outras. Sem mencionar as provas orais que nos deixavam com aquele frio na barriga. Apesar dos muitos trabalhos, gostávamos de tudo aquilo, nada estava pronto, ela nos orientava, mas nunca determinava, podíamos criar e no final, sentíamos orgulho de nossas produções. Wilma foi a professora mais amada pela nossa turma. Ela exigia de nós, pois acreditava em nossas capacidades. Sempre nos aconselhando e estimulando. Foram três anos aprendendo com ela, muito mais do que História.

Enfim, a 8ª série. Os colegas ingressavam em cursos preparatórios para prestar concursos para FAETEC, CEFET e outras. Moisés, professor de Matemática, havia organizado um curso preparatório nos mesmos moldes. O curso funcionava na escola, porém no turno da noite. Apesar de funcionar dentro de uma escola pública, o curso era pago, um valor praticamente para os custos das apostilas que o próprio professor formulava. Nesse período o hospital no qual meu pai trabalhava encontrava-se em falência, começaram os atrasos nos pagamentos e com isso as dívidas multiplicavam-se. Devido a tais condições, fiquei de fora do curso preparatório. Passados 2 meses de curso, Moisés incomodado interrogou-me sobre o assunto, não entendia como uma das alunas mais aplicadas da escola não pretendia ir para uma escola de destaque. Expliquei-lhe a situação. No dia seguinte, Moisés chamou minha mãe na escola e concedeu-me bolsa no curso. Fui a única aluna do curso aprovada, na FAETEC.

Iniciei o Ensino Médio Técnico em Turismo no ano de 1999, na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, localizada no bairro de São Cristóvão. O concurso da FAETEC permitia a escolha de três opções de cursos, fiz duas, a primeira era o Instituto de Educação, para formação de professores, no entanto, minha pontuação apenas permitiu o técnico em Turismo.

Também em 1999, meu pai somou-se ao número de desempregados. Com a falência do Hospital negociaram o pagamento da indenização, cada mês recebia um valor que foi decrescendo mensalmente, até que não pagaram mais. Com 43 anos de idade e a 5ª série incompleta, as buscas por um novo emprego não resultaram em sucesso. O sustento familiar vinha dos serviços que conseguia e das parcas mensalidades recebidas da indenização, no entanto, passado um ano, essas cessaram. Em agosto do mesmo ano, minha irmã conseguiu um emprego como caixa de supermercado e passou a ajudar na alimentação familiar.

A situação piorou a partir de 2001, minha irmã também havia ficado desempregada, as dívidas acumulavam, mas a pior delas era o aluguel.

Em meados de 2002, consegui meu primeiro emprego em uma lanchonete. Fritava salgados, limpava banheiros, atendia balcão e as mesas. Sem tempo e condições para pagar, ingressei em um pré-vestibular comunitário na Igreja de São Sebastião no turno da noite.

Em novembro, a ordem de despejo chegou e para pagar parte dos débitos meu pai entregou alguns eletrônicos para o senhorio, com isso ganhamos um prazo de mais um mês para deixar a casa.

Pedimos ajuda aos parentes e a alternativa encontrada fora uma nova mudança. Uma tia paterna estava construindo uma casa em São Gonçalo e, sem muita saída, viu-se obrigada a emprestar a casa por tempo indeterminado. Assim, em janeiro de 2003, rumamos para o bairro de Sacramento em São Gonçalo. E com isso também perdi o emprego.

A tal casa não tinha condições para receber uma família. Nas janelas sem vidros improvisamos com papelões, o piso era de terra em quase todos os cômodos, exceto no banheiro e em um dos quartos onde havia contrapiso; e para piorar a casa não possuía banheiro pronto. Tomávamos banho na casa de vizinhos, as demais necessidades eram feitas em latas e jornais.

Meu pai começou a trabalhar como ajudante de pedreiro junto com o irmão, os recursos conseguidos foram aplicados na construção do banheiro da casa. Passados alguns meses, as obras escassearam, vimos a dispensa esvaziar e conhecemos a dor da fome.

A casa na qual residíamos localizava-se dentro de um condomínio em fase de organização, o síndico conhecendo os esforços de meus pais, ofereceu ao meu pai um emprego na portaria.

O salário muito baixo, fez com que meu pai mantivesse outras atividades para adquirir renda: juntar latinhas, garrafas pet, ferros, jornais entre outros para revender.

Prestei vestibular para História na UERJ e passei, mas só fui convocada na reclassificação, mas infelizmente perdi a inscrição. Na época, esses resultados saíam na Folha Dirigida e na internet, o que se configurou um problema para mim. Os dois jornaleiros do bairro não recebiam o jornal, ou seja, além de pagar pelo jornal teria de gastar com passagens, o que dado a situação tornou-se impossível. Quanto à internet, o problema era o computador; minha irmã havia comprado um usado quando recebeu indenização de demissão, mas nunca foi uma pessoa de emprestar nada. Depois de muita discussão entre minha mãe e irmã, a última resolveu permitir que eu averiguasse os resultados da UERJ, porém foi um pouco tarde, soube da reclassificação apenas a noite, no exato dia da inscrição. Fui à UERJ no dia seguinte, mas sem sucesso.

Desempregadas, eu e minha irmã buscamos alguns cursos gratuitos para nos qualificar.

Por indicação de uma amiga, Nataly, conheci o curso técnico de Secretariado oferecido no Colégio Estadual Aurelino Leal, o curso tinha duração de 1 ano e 6 meses, iniciei-o no segundo semestre de 2003.

Em 2004, inscrevi-me no pré-vestibular comunitário organizado pelo DCE-UFF. O curso era noturno de segunda a sexta, e sábado, integral. Nesse período, os alunos da rede estadual utilizavam os ônibus gratuitamente apenas apresentando a carteirinha e trajando uniforme, nesse sentido, o uniforme do Colégio Aurelino Leal garantiu minha frequência no curso. Os dias mais complicados eram os sábados, pois sem recursos para almoçar, restava-me comer uma pipoca doce ou um pacote de biscoitos.

Faltando três meses para o vestibular, Mônica, uma amiga que tinha estudado comigo no técnico em Turismo havia aberto uma pequena agência de viagens e fez uma proposta, eu trabalharia para ela em troca de um curso pré-vestibular. Os pais de Mônica pagaram um pacote fechado no curso para a irmã dela, mas esta desistiu, a fim de não perder os valores das mensalidades pagas negociaram com o curso para que eu entrasse na vaga. Com isso, eu trabalharia na agência apenas em troca do curso pré-vestibular. Tornei-me panfletista da agência, passava as manhãs em meio aos carros nos bairros da Penha, Olaria e proximidades, divulgando as excursões da jovem agência.

Em dezembro, consegui uma vaga de extra Natal na loja Di Santinni do Plaza Shopping Niterói. Lá tive a oportunidade de atender um dos meus professores do pré-comunitário da UFF, e informar que havia passado na primeira fase do vestibular da UFF, lembro-me do caloroso aperto de mão e das palavras do Antônio: “Você já está dentro”.

Optei por iniciar a faculdade de História na UFF no segundo semestre, a fim de organizar recursos para estudar, no entanto, fui convocada logo no primeiro semestre. No primeiro ano de faculdade recebi auxílio de minha mãe, que trabalhava como empregada doméstica e também de um namorado que dividia comigo seus vales transportes, ainda de papel no período, a cessão de tais vales significavam para ele uma caminhada de 25 minutos para chegar ao trabalho.

No ano seguinte, minha mãe foi dispensada do trabalho. Então, uma colega do curso de História comentou sobre o processo seletivo para Bolsa Treinamento na UFF, uma bolsa voltada para alunos de baixa renda.

Fui bolsista treinamento até o final da faculdade. Como bolsista atuei no NUEC, coordenado pela Professora Cecília Azevedo. No núcleo trabalhávamos com questões da EJA, cadastrando alunos no Brasil Alfabetizado. Iniciamos ainda um projeto de História Oral e EJA, percorríamos as escolas de Niterói a recolher depoimentos das mulheres estudantes da EJA, e começamos a trabalhar em artigos, mas infelizmente por falta de recursos o projeto foi paralisado.

No último ano como bolsista busquei um núcleo na História, o NUPEHC. Na época o núcleo não desenvolvia um projeto coletivo, os professores do núcleo estavam envolvidos em seus projetos particulares. Restaram-me pequenos trabalhos burocráticos. E o constrangimento de ouvir de outros colegas bolsistas de iniciação científica que eu não estava no núcleo por capacidade, mas por pobreza. Tal postura preconceituosa desmotivou-me ainda mais de permanecer no núcleo.

Em 2009, meu amigo Filipi pediu que o substituísse por uma aula no colégio em que ele trabalhava, pois necessitava comparecer a um processo seletivo. Segundo Filipi, seria tranquilo, apenas aplicaria uma prova em turma de EJA do Ensino Médio. Chegando lá, os alunos desconheciam aquele dia como destinado para prova, conseqüentemente, não pude aplicar prova e tive de improvisar uma aula sobre Roma Antiga. Filipi aprovado na seleção, não retornaria mais àquela escola. O diretor acabou contratando-me.

A minha primeira experiência em escola seria uma grande frustração. O colégio localizava-se no bairro de Alcântara, em São Gonçalo. Atendia alunos de EJA do Ensino Médio, a clientela majoritariamente composta por jovens repetentes. Com o tempo, notei que o colégio não possuía qualquer compromisso com a qualidade e a formação dos alunos, tratava-se de uma verdadeira venda de diplomas.

O comportamento dos alunos seguia de perto o desinteresse do colégio. Em sala, organizavam-se em grupos de 10 a 15 alunos apenas para jogar baralho, ignorando a presença dos professores. Quando pedia atenção, eles olhavam, riam e voltavam de imediato para seus próprios interesses. Aqueles jovens frequentavam o colégio para qualquer coisa, menos para aprender, já que nem a frequência lhes era exigida.

A venda dos diplomas se dava da seguinte forma, para adquirir o certificado o aluno deveria pagar pela prova de recuperação especial; o diretor incentivava as reprovações, pois os professores também ganhavam uma porcentagem por cada aluno pagante da “especial”. Porém, como descrito anteriormente, não se fazia necessário muito esforço para reprovar naquele contexto. O número de alunos pagantes impressionava, e alguns pagavam em todas as disciplinas. Assim, diretor e professores saíam com bolsos cheios a cada módulo semestral. Trabalhei nessa escola por pouco mais de um ano, entre 2009 e 2010, no entanto, nunca aderi ao esquema. O diretor percebera que eu não dava muitos lucros para a empresa e quando o colégio mudou de nome e endereço, dispensou-me.

Ainda em 2010, consegui vaga através de entrevista no Colégio Nossa Senhora Aparecida localizado no bairro Sacramento, em São Gonçalo voltado para o Ensino Fundamental. Colégio pequeno e simples quanto à estrutura, no qual entrei na metade do ano letivo em vaga de uma professora afastada por doença. Logo fui avisada pela diretora que eu deveria seguir o padrão de aula da professora anterior para que os alunos não fossem prejudicados com a mudança, o que na prática significou a leitura das apostilas durante as aulas. Contudo, consegui experimentar um modelo de prova diferente da outra professora. As provas baseavam-se na interpretação de textos e fragmentos de documentos históricos, apesar da possibilidade de consulta, os alunos consideravam a prova difícilíssima. Na prática, a prova era feita coletivamente, onde explicava as relações entre os conteúdos estudados e os textos da prova, um dia em que fugíamos da tediosa leitura da apostila. As dificuldades iniciais começaram a ser superadas pouco a pouco. Trabalhei nessa escola entre 2009 e 2010, saí quando fiquei grávida, a escola não tinha condições para manter os custos de uma professora de licença e outra na ativa.

Em agosto de 2010 recebi a carta da SEEDUC convocando-me, e no mesmo dia, a secretaria de História da UFF ligou avisando sobre a cerimônia de formatura. Assim, no dia

30 de agosto, passei a manhã e a tarde inteira na Metropolitana II, e a noite, participei da formatura na UFF. Semanas depois descobri a gravidez de três meses.

Conseguí manter toda minha matrícula do Estado em uma única escola, pois em 2010, existia uma disciplina chamada Projeto. Desse modo, a maioria das turmas em que lecionei era de Projeto. O Projeto tinha como temática: “Direitos e Cidadania”, mas como não reprovava, os alunos pouco se preocupavam. Nas turmas de Projeto trabalhei muito com vídeos e imagens que abordavam questões sobre bullying, racismo, anorexia, vigorexia, homofobia, as diferentes formas de beleza; e textos sobre diversidade cultural, gênero, assim como, a leitura da Declaração dos Direitos Humanos e fragmentos da Constituição Brasileira. Nas poucas turmas de História, mantive os seminários programados pelo professor anterior, mas com algumas modificações. Ao invés dos alunos apresentarem os conteúdos do currículo a cada semana, optei por seminários sobre a História dos Partidos Políticos no Brasil, dialogando com os conteúdos do 4º bimestre (Ditaduras Militares). Os alunos estranharam ter aulas expositivas, pois segundo eles, o professor anterior apenas escrevia no quadro e corrigia exercícios.

No seguinte, devido à licença maternidade trabalhei apenas três meses: fevereiro, e no retorno, novembro e dezembro.

A partir de 2012 passei a trabalhar em outra escola pública, o Colégio Estadual Eliza Maria Dutra, na esquina da rua onde residio. Conseguí algumas turmas extras para lecionar como GLP (gratificação de ampla jornada). Uma escola bem menor e mais precária do que a escola de matrícula, com poucos recursos, apenas quadro e giz. Sobre o período que trabalhei nessa escola, 2012-2016, gostaria de destacar dois momentos relativos à greve de 2013. Como a escola está localizada na esquina da rua onde moro, tornei-me figura visada por um grupo de alunos. Quando saía de casa e passava pela porta da escola alguns alunos me ofendiam, um chamou-me de prostituta, pois segundo ele, quem faz greve gosta de dinheiro fácil, chegando inclusive, a perguntar se eu não faria programas na casa dele. Acabei tornando-me refém da situação e um pouco prisioneira, pois evitava a todo custo sair de casa para não ter de passar pela escola. Por outro lado, nessa mesma escola tive o prazer de lecionar para uma turma do Ensino Médio que gostava de ter aulas, lembro-me que em período de reposição as demais turmas queriam sair cedo e ter aulas paralelas, enquanto essa desejava ter mais aulas. Preferiam sair tarde e ter uma aula exclusiva do que dividir a atenção dos professores com outras turmas. Ao planejar aulas para a turma buscava sempre o melhor, apesar da falta de recursos supracitada, as discussões rendiam. As notas da turma eram médias, mas a vontade de compreender as coisas e o mundo tornou-a para mim, sem dúvida, a melhor turma em que lecionei até o momento.

Narrando um pouco mais sobre as experiências na escola da minha matrícula, tentei retomar a prática das avaliações consultas com textos e fragmentos de documentos, o resultado foi um grande fiasco. Sem demora, começaram as comparações entre o rendimento dos alunos com outros professores, fui chamada de incompetente na sala dos professores, apontada como o problema das turmas. A direção cobrou-me melhores resultados, solicitou-me uma segunda recuperação para garantir melhores notas. E foi o que fiz. Envergonhei-me,

questionei-me sobre o que de fato era verdadeiro dentro da escola, assistia colegas aprovarem alunos sem o mínimo, e me perguntava se a aprovação não seria o caminho mais fácil para muitos que não desejavam serem vistos como incompetentes como eu fora. Os professores mais experientes deram-me vários conselhos, diziam que eu precisava ser mais dura com os alunos, que deveria ofertar-lhes o mínimo do mínimo, pois era o que mereciam, e que crianças precisam de rotina para funcionar. A partir dali tentei mudar, o que foi um erro caro.

Busquei ser mais dura com as turmas para alcançar os bons resultados e isso se tornou um pesadelo. As crianças do 6º ano passaram a me vaiar todas as vezes que eu entrava na sala de aula. A coordenadora pedagógica precisou interceder junto à turma para que eu conseguisse dar aulas. E eu sentia vontade de nunca mais voltar aquele lugar. Vista como incompetente e odiada por uma turma inteira, questionei-me quanto a minha profissão, talvez eu fosse mesmo incompetente.

Observei que na sala dos professores ouvia majoritariamente lamentações e reclamações. Uma colega entrara de licença com mal de pânico, não conseguia mais passar próximo de escola ou ver aluno uniformizado, sem entrar em desordem emocional. Outras três, simplesmente desistiram. Cogitei fazer o mesmo, foram meses pensando em buscar algo novo, a depressão chegou.

A angústia durou até o momento da decisão, ainda não havia chegado o momento de desistir. Decididamente chorei, pois não me via fazendo qualquer outra atividade.

Nos anos seguintes vivenciei novas experiências com os alunos. Trabalhei com turmas de 9º ano seminários nos quais os alunos escolhiam a temática que gostariam de abordar, sendo uma parte prática. Os resultados foram motivadores: muita música nas apresentações de História do Rock, Funk e do Rap, além de discussões sobre a associação de alguns ritmos a violência e ao crime; um salão de beleza, com a apresentação da História da Maquiagem; demonstrações de luta e de dança, com a História do Jiu-Jitsu e do Ballet, entre outros.

Tive a oportunidade de trabalhar com História da Escola com o recolhimento de depoimentos filmados com ex-alunos.

A SEEDUC estabelece alguns projetos a serem executados pelas escolas no decorrer do ano letivo. Nesse sentido, a Direção sempre estimula e trabalha conosco para o sucesso das atividades. Impressiona como os alunos gostam dessas atividades. O professor tem liberdade para escolher como sua turma irá apresentar-se. Em particular já trabalhei dança, canto e teatro.

Porém toda essa liberdade de criação, não pode ser superestimada, pois demandam tempo, e as avaliações externas como o SAERJ e SAERJINHO, limitavam-nos, pois os conteúdos do currículo mínimo precisavam ter sido dados até a aplicação da prova.

A greve do corrente ano (2016) trouxe-nos a oportunidade de criar projetos fora do esquema da SEEDUC. Durante a greve iniciamos a proposta de atividades de greve na escola. A primeira e única fora a exibição de um cine debate a partir do filme “Malala”. A Direção desde o início demonstrou-se contrária, e após o cine debate alguns constrangimentos levaram

a não realização de novas atividades no interior da escola. No entanto, com o término da greve e a necessidade de reposição aos sábados, muitos projetos foram pensados. Dois já foram realizados, “Escola Limpa” e “Eleições”, participei do último. Nele discutimos a atuação das diferentes esferas de poder e as diferentes funções políticas a partir de pesquisas dos alunos, e simulamos eleições na escola, onde cada turma possuía um candidato; os candidatos desenvolveram campanha política, discurso, partido e cabos eleitorais; após um debate, os demais alunos receberam títulos de eleitores e participaram elegendo um dos colegas.

O próximo projeto será “Escola Cidadã x Escola Sem Partido”, mas estamos aguardando aprovação da SEEDUC.

No dia a dia, tento alternar as formas de apresentação dos conteúdos, ora aula expositiva, ora apresentação de filmes, ora apresentação dos alunos. Sempre trabalhando com interpretação de diferentes textos e documentos, pois acredito que avançar no quesito interpretação refina a capacidade de conhecer, e conseqüentemente a criticidade e a discussão.

Atualmente, com 8 anos de magistério não tenho mais dúvidas quanto a escolha profissional que fiz, sempre estudei em instituições públicas e sinto-me na responsabilidade de retribuir a sociedade aquilo que dela recebi. E em especial, recompensar o afeto que recebi em todos os anos que estive nas escolas.

Termino meu memorial com meu ingresso no ProfHistória, em busca de novos horizontes, novos olhares e quem sabe um novo despertar. Agradeço, em especial, aos Professores Everardo e Marcos por compartilhar conosco conhecimentos e esperança.